

Reforma luterana e missão¹

Joachim H. Fischer

Resumo

O artigo busca, em textos do reformador Martin Lutero, subsídios para uma teologia da missão. Investiga as razões históricas que cooperaram para o pouco engajamento do

luteranismo em atividades missionárias e apresenta alguns exemplos da prática missionária luterana no período que antecede o surgimento do pietismo.

Resumen

El artículo busca, en los textos del reformador Martin Lutero, subsidios para una teología de la misión. Investiga las razones históricas que cooperaron para el poco compromiso

que tuvo el luteranismo en actividades misioneras y presenta algunos ejemplos de la práctica misionera luterana en el período que antecede al surgimiento del pietismo.

Abstract

The article seeks to find elements for a mission theology in the texts of the reformer Martin Luther. It investigates the historical reasons that collaborated in the little involve-

ment of Lutheranism in missionary activities and it presents some examples of the Lutheran missionary practice in the period that precedes the rise of pietism.

¹ Texto apresentado em 9/6/2001 em Benedito Novo, Santa Catarina, no curso "A Bíblia para a Vida", revisado.

A Reforma do século 16, iniciada por Martim Lutero (1483 – 1546), quis renovar, a partir do Evangelho, a vida dos cristãos e das cristãs, das comunidades e da Igreja daquele tempo. Proclama Jesus Cristo como nosso único Senhor e Salvador. Anuncia que somos salvos unicamente pela graça de Deus mediante a fé, o único meio de comunhão com Cristo e Deus. O Evangelho é testemunhado na e pela Bíblia. Por isso a Bíblia é a autoridade exclusiva em questões de fé e vida cristãs².

Entendo por “missão” a procla-

mação do Evangelho de Jesus Cristo onde quer que seja e a quem quer que seja. Essa definição abrange tanto a “Missão Externa”, a divulgação do Evangelho entre povos mais distantes, não-cristãos, como a “Missão Interna”, a promoção do Evangelho no ambiente em que a própria comunidade cristã vive³. Na América Latina, prefere-se falar hoje de “evangelização” num sentido abrangente, também para se distanciar do modelo de missão ligada ao projeto colonial de países europeus na época colonial⁴.

1 – A dimensão missionária da teologia de Lutero

Lutero não elaborou uma teologia específica da missão. Toda a sua teologia é missionária. Pois o próprio Evangelho é missionário. Já no povo de Israel, Jeremias foi escolhido por Deus para ser “um profeta **para as nações**” (Jr 1.5b). O salmista conclama seus contemporâneos: “Falem da glória do Deus Eterno **às nações**; contem **a todos os povos** as coisas

maravilhosas que ele fez” (Sl 96.3). Jesus predisse: “O Evangelho do Reino [de Deus] será anunciado **no mundo inteiro** como testemunho **para toda a humanidade**” (Mt 24.14). O ressurreto mandou seus discípulos “**a todos os povos**” para fazê-los seguidores dele (Mt 28.19a). Aos mesmos discípulos ele disse: “(...) vocês (...) serão minhas teste-

² V. Walter ALTMANN, *Lutero e libertação*; Joachim FISCHER, *Marcas teológicas da Reforma protestante*.

³ Cf. Karl BARTH, *Die Kirchliche Dogmatik* [A Dogmática Eclesiástica], v. IV/3, 2ª parte, p. 999-1007.

⁴ Cf., p. ex., Leonardo BOFF, *Nova evangelização; perspectiva dos oprimidos*; Leonardo BOFF, *América Latina: da conquista à nova evangelização*; Segundo GALILEA, *Evangelização na América Latina*; FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO (Ed.), *História da evangelização na América Latina*.

munhas (...) **até nos lugares mais distantes da terra**” (At 1.8b). E na Primeira Carta a Timóteo lemos: Deus “quer que **todos** sejam salvos e venham a conhecer a verdade” (cf. 2.4). O apóstolo Paulo defendeu a abertura missionária do cristianismo. Levou-o do povo judeu para outros povos (cf. Atos dos Apóstolos). O cristianismo não está atrelado a determinada etnia. No Brasil, o luteranismo não está atrelado à etnia teuto-brasileira. Para quem a Bíblia é a autoridade máxima em questões de fé e vida, de maneira alguma pode ignorar essa dinâmica missionária da Boa Nova.

E Lutero disse-o expressamente. O Evangelho tem “a finalidade de chegar **ao mundo inteiro**”; isto é sua “natureza”⁵. Deus quer que o Evangelho percorra o mundo. A missão é “obra de Deus”⁶. Ele estabelece o plano e a meta da missão. Prometeu o avanço do Evangelho. Sua promessa fortalece e consola os missionários e as missionárias em meio

a inimizade, resistência e perseguição. A perseguição não impede a pregação do Evangelho. Ao contrário, ajuda a divulgá-lo. “O Evangelho não pode existir nem crescer sem perseguição”, escreveu Lutero⁷.

Lutero não acreditou na antiga lenda segundo a qual os apóstolos já teriam levado o Evangelho para todas as partes do mundo. Os apóstolos iniciaram a pregação do Evangelho em diversas partes do mundo. Mas existem regiões às quais o Evangelho ainda não chegou⁸. Em outras palavras, existem campos missionários, regiões que precisam ouvir a Palavra de Deus, a palavra da vida, de paz e justiça. Como exemplo mais importante em seu tempo, Lutero apontou para a América, recém-descoberta pelos europeus: “(...) recentemente foram achadas muitas ilhas e terras nas quais até agora, em mil e quinhentos anos, não apareceu nada dessa graça”, isto é, do Evangelho⁹. Por isso a evangelização ou missão “continua sempre e é levada pelos

⁵ Martin LUTHER, Die Epistel zu der Messe in der Christnacht [A Epístola para a missa na véspera de Natal], Kirchenpostille [Sermonário] [1522], WA 10/1/1, p. 22, 1-3; cf. Werner ELERT, *Morphologie des Luthertums* [Morfologia do luteranismo], v. 1, p. 336-7.

⁶ Hermann DÖRRIES, *Luther und die Heidenpredigt* [Lutero e a pregação a pagãos], p. 76.

⁷ Carta ao pastor Gaspar Löner e ao diácono Nicolau Medler, de Hof, de 7 de junho de 1531 (WA Br 6, 119, 12-3).

⁸ Karl HOLL, *Luther und die Mission* [Lutero e a missão], p. 234-5.

⁹ Martin LUTHER, op. cit., WA 10/1/1, p. 21, 16s.; v. também Martin LUTHER, Sermon am Auffahrtstage [Sermão no dia de Ascensão], WA 10/3, p. 139, 20s.; cf. Werner ELERT, op. cit., p. 337-8.

pregadores a este e aquele lugar no mundo, (...) sempre anunciada adiante às pessoas que ainda não a têm ouvido”¹⁰. A missão é de longe “a melhor obra” dos cristãos¹¹. Continua até o último dia da existência do mundo. O fim do mundo só virá “quando essa pregação é pregada e anunciada e ouvida **no mundo inteiro**”¹². Sua meta, porém, não é “a cristianização do mundo (...), mas a oferta do Evangelho a todos os povos da terra pelo testemunho da cristandade”¹³.

Fonte e centro da vida cristã é a justificação da pessoa pecadora pela graça de Deus mediante a fé. “Desse artigo a gente não se pode afastar ou fazer alguma concessão, ainda que se desmorerem céu e terra ou qualquer outra coisa”, escreveu Lutero nos Artigos de Esmalcalde¹⁴. Também nesse coração da teologia luterana a dimensão missionária está presente. Diante de Deus todos e todas são pecadores, ou seja, infiéis,

pagãos, não-cristãos, ateus. “**Todos** pecaram [não apenas os não-cristãos] e estão afastados da presença gloriosa de Deus”, sabia já o apóstolo Paulo (Rm 3.23). **Todos** – não apenas os não-cristãos – precisam ser missionados por Deus, justificados por sua graça mediante a fé. Portanto, “toda pregação do Evangelho é pregação a pagãos”¹⁵, é missão.

Para Lutero, a missão não depende de determinadas estruturas eclesiais, de determinado sistema jurídico eclesial, da instituição Igreja. Lutero não aceitou a antiga tradição segundo a qual só pode haver salvação dentro da Igreja como instituição. “Não há salvação fora da Igreja”, dizia-se no cristianismo ocidental desde o século 3. E: “Quem não tem a Igreja por mãe não pode ter Deus por Pai”¹⁶. Lutero não compartilhou desse conceito institucional, católico romano de Igreja. O que constitui a Igreja são a pregação da Palavra de Deus e a prática dos

¹⁰ Martin LUTHER, Sermon am Auffahrtstage [Sermão no dia de Ascensão], WA 10/3, p. 140, 6-9.

¹¹ Matth. 18 - 24 in Predigten ausgelegt [Mt 18 - 24 explicado em prédicas], WA 47, p. 466, 5; cf. Hermann DÖRRIES, op. cit., p. 73-4.

¹² Martin LUTHER, Sermon am Auffahrtstage [Sermão no dia de Ascensão], WA 10/3, p. 139, 26 - 140, 1.

¹³ Wilhelm MAURER, *Die Lutherische Kirche und ihre Mission* [A Igreja Luterana e sua missão], p. 25.

¹⁴ Artigos de Esmalcalde II, 1, 5. Em: *Livro de Concórdia*, p. 313.

¹⁵ Hermann DÖRRIES, op. cit., p. 62.

¹⁶ Afirmações do bispo Cipriano (morto como mártir em 258), de Cartago, no norte da África, cit. ap. Bengt HÄGGLUND, *História da Teologia*, p. 92.

sacramentos do Batismo e da Santa Ceia (Eucaristia), como forma visível da Palavra de Deus. A missão, portanto, depende unicamente dessa Palavra. Onde ela é pregada, há cristãos e cristãs, há comunidade cristã, Igreja, povo de Deus, corpo de Cristo. “(...) onde está a Palavra de Deus aí haverá que estar a Igreja”, lemos em Lutero¹⁷. Por quê? “(...) a Palavra de Deus não pode existir sem o povo de Deus [a comunidade cristã]; por outro lado, o povo de Deus [a comunidade cristã] não pode existir sem a Palavra de Deus”¹⁸.

Portanto, a Palavra de Deus é o grande tesouro de todos os cristãos e todas as cristãs. Conseqüentemente, todos os membros da comunidade participam de sua missão de ser “sal para a humanidade” e “luz para o mundo todo” (Mt 5.13,14). Todos e todas são enviados ao mundo como mensageiros, alguns para lugares mais pertos, outros para lugares mais distantes. Lutero não conhece um ministério missionário específico. Para ele, a missão é incumbência tanto dos ministros ordenados como do sacerdócio geral de todos os bati-

zados. Onde a situação o exige, cabe a todos os cristãos e todas as cristãs serem missionários e missionárias. “Todos os cristãos são sacerdotes por igual”, nas palavras de Lutero. Seus “ofícios” são: “ensinar, pregar e anunciar a Palavra de Deus, batizar e consagrar ou ministrar a Eucaristia [Santa Ceia], ligar e absolver [dos pecados], orar por outros, sacrificar e julgar todas as doutrinas e espíritos”. O supremo entre esses “ofícios” é “o ministério da Palavra”, “comum a todos os cristãos”, onde e quando a situação o exigir¹⁹. Lutero deu essa orientação a comunidades num contexto cristão para situações em que os ministros ordenados distorcem o Evangelho:

(...) um cristão tem tanta autoridade que até no meio de cristãos pode e deve (...) ensinar [o Evangelho], mesmo que não convocado por pessoas, quando vê que o professor [pregador] ali está ensinando [pregando] errado; entretanto, que se proceda de forma educada e decente.²⁰

¹⁷ Martinho LUTERO, Dos concílios e da Igreja, in: *Obras Seleccionadas*, v. 3, p. 412. Cf. Joachim FISCHER, O conceito “Igreja” de Lutero segundo seus escritos “Dos concílios e da Igreja” e “Contra Hans Worst”.

¹⁸ Martinho LUTERO, op. cit., p. 410.

¹⁹ Como instituir ministros na Igreja, in: *Obras Seleccionadas*, v. 7, p. 94, 28; 30-33; p. 95, 15s.; cf. Hermann DÖRRRIES, op. cit., p. 69, 71-2.

²⁰ Martinho LUTERO, Direito e autoridade de uma assembléia ou comunidade cristã..., in: *Obras Seleccionadas*, v. 7, p. 32, 25-28; cf. Hermann DÖRRRIES, op. cit., p. 70-1.

Mas a orientação de Lutero vale igualmente e em especial para cristãos e cristãs que vivem entre não-cristãos:

Se ele [o cristão] estiver num lugar em que não há cristãos, não é necessária qualquer convocação senão o simples fato de ele ser cristão, convocado e ungido interiormente por Deus. Nesse caso, tem a obrigação de pregar aos pagãos ou não-cristãos (...) e ensinar-lhes [pregar-lhes] o Evangelho por dever de amor fraternal, mesmo que nenhuma pessoa o convoque para esse fim.²¹

E numa prédica de 1524 disse:

Onde não há cristãos, não devo esperar até ser convocado, [mas devo agir] como os apóstolos o fizeram.²²

Na compreensão de Lutero, a “Santa Igreja Cristã (...) é a comunidade e a soma ou reunião de todos os cristãos em todo o mundo”. Ela

existe (...) no mundo todo, como anunciaram os profetas: que o Evangelho de Cristo deveria es-

palhar-se pelo mundo inteiro (Salmo 2.7ss.; 19.4). Assim a cristandade está fisicamente dispersa sob o papa, os turcos, persas, tártaros e em toda parte, mas está espiritualmente unificada num só Evangelho e fé, sob uma só cabeça, que é Jesus Cristo.²³

Mas como a cristandade existe entre turcos, persas, tártaros e outros povos não-cristãos? Como chegou ou está chegando lá? Para alguns povos chegou há muito tempo através da missão de gerações passadas. Em tempos mais recentes, os turcos conquistaram e ocuparam regiões em que viviam cristãos e cristãs. Ou soldados cristãos foram capturados pelos turcos como prisioneiros de guerra. Em todos esses casos, cabe aos cristãos e às cristãs praticarem o sacerdócio geral de todos os crentes. Cabe-lhes, principalmente, divulgar o Evangelho lá onde estão. O que é isso senão missão?

Mas a missão não cabe apenas aos cristãos e às cristãs que por força das circunstâncias históricas vivem entre não-cristãos. As comunidades e Igrejas cristãs precisam também positivamente enviar prega-

²¹ Martinho LUTERO, op. cit., p. 32, 8-13.

²² Sermão sobre Êx 3.1-6, de 9 de outubro de 1524 (WA 16, p. 35, 7-8); cf. Werner ELERT, op. cit., v. 1, p. 339-40.

²³ Martinho LUTERO, Da ceia de Cristo – Confissão, in: *Obras Seleccionadas*, v. 4, p. 372.

dores para tais povos. Os não-cristãos precisam ouvir a Palavra de Deus. “Se devem ouvir sua Palavra, então lhes devem ser enviados pregadores que lhes anunciam a Palavra de Deus.”²⁴

A missão, ou seja, a pregação do Evangelho e o crescimento da comunidade cristã, não termina nas fronteiras políticas entre os povos nem nos limites entre as culturas. A história do cristianismo nos mostra como a pregação do Evangelho chegou da Palestina para a Ásia Menor, a Grécia, a Itália, outros países europeus e outros continentes, desde 1492 também para a América Latina.

Para Lutero, o senhor da missão é Cristo, mais precisamente o Cristo que subiu ao céu e está sentado à direita de Deus Pai, Todo-Poderoso, como confessamos no Credo Apostólico. Cristo subiu ao céu porque a partir de lá pode agir e governar **todas** as pessoas; pode dirigir sua voz a **todas** as pessoas, de modo que **todos** e **todas** possam ouvi-la²⁵. O próprio Cristo divulga o Evangelho no mundo inteiro através de seus missionários e suas missionárias, os cristãos e as cristãs. Assim eles e elas não fazem outra coisa senão praticar o sacerdócio geral de todos os batizados²⁶.

2 – A questão dos métodos missionários

Lutero estabeleceu alguns princípios para qualquer atividade missionária.

2.1 – Os missionários e as missionárias precisam realmente conhecer o povo ou as pessoas às quais se dirigem, a começar por sua língua. Lutero aponta para Pentecostes (At 2.1-13). O Espírito Santo, disse ele,

não esperava que todo mundo viesse para Jerusalém e aprendesse hebraico [ou: aramaico], mas deu [aos apóstolos o dom de] diversas línguas para o ministério da pregação, para que pudessem falar [e ser entendidos] onde chegassem.²⁷

Além da língua, os missionários e

²⁴ Der 117. Psalm ausgelegt [Explicação do Salmo 117], WA 31/1, p. 229, 3-9.

²⁵ Sermon am Himmelfahrtstage [Sermão no dia de Ascensão], WA 12, p. 562, 15-26.

²⁶ Karl HOLL, op. cit., p. 238 s.

²⁷ Missa alemã e ordem do culto, in: *Obras Seleccionadas*, v. 7, p. 179, 13-15. Cf. Karl HOLL, op. cit., p. 239 s.

as missionárias precisam conhecer muito bem a cultura do povo onde evangelizam, inclusive sua religião. Lutero queixou-se dos governantes e intelectuais do seu tempo porque não tentaram realmente conhecer a cultura dos turcos, que eram um campo de missão em potencial, na perspectiva de Lutero. Questionou as mentiras que foram divulgadas na Europa sobre os turcos. É verdade que criticou fortemente sua religião, sua poligamia e seu Estado. Mas exigiu reconhecer e valorizar também as coisas boas entre os muçulmanos. Destacou a seriedade de seu culto religioso, a vida disciplinada de seus sacerdotes, seu amor à verdade, a vida correta dos leigos e a disciplina dos seus soldados. Às vezes, até apresentou os turcos aos alemães em alguns pontos como exemplo. Os turcos, escreveu,

se reúnem freqüentemente em suas mesquitas para a oração, rezando com tanta disciplina, silêncio e belos gestos como não podem ser encontrados entre nós, em nossas igrejas, em nenhum lugar.²⁸

Encontrarás nos turcos uma vida

bastante severa e decente: não bebem vinho, não se embriagam nem se excedem na comida, como nós o fazemos, não se vestem com tanta frivolidade e liberdade, não constroem prédios tão vistosos, não têm tanta ostentação, não juram nem amaldiçoam, demonstram excelente obediência, disciplina e respeito por seu sultão e senhor, e sua administração pública funciona tão bem como nós gostaríamos de tê-la na Alemanha.²⁹

2.2 – Também quanto à missão, Lutero insiste na liberdade cristã. A missão não pode prejudicar ou tirar a liberdade das pessoas às quais se dirige. Não pode impor ao outro povo a cultura que os missionários e as missionárias trazem consigo. Deve respeitar a outra cultura e adaptar-se a ela na medida em que a adaptação é compatível com a fé cristã³⁰.

2.3 – O Evangelho e, conseqüentemente, a missão não podem e não devem ser promovidos através de poder político ou militar, como aconteceu, muitas vezes, na conquista da América pelos espanhóis e por-

²⁸ Eine Heerpredigt wider den Türken [Um sermão de campanha contra o turco], WA 30/2, p. 187, 18-21.

²⁹ Op. cit., WA 30/2, p. 189, 26 - 190,1.

³⁰ Karl HOLL, op. cit., p. 241-3.

tugueses. Aqui cada soldado foi considerado, ao mesmo tempo, um missionário, como disse o jesuíta Antônio Vieira (1608 – 1697): “Não são só apóstolos os missionários, senão também os soldados e capitães: porque todos vão buscar gentios e trazê-los ao lume da fé e ao grêmio da Igreja”³¹. Para Lutero, jamais alguém pode ser obrigado a se converter ao

cristianismo. O Evangelho é incompatível com qualquer tipo de obrigação, pressão ou violência. A única “arma” da missão é a pregação da palavra de Deus. O Evangelho quer sempre e em todos os lugares ouvintes que o ouvem e aceitam voluntariamente, convencidos por sua verdade, e que querem aceitá-lo.

3 – Campos missionários

Quais são os campos de missão que Lutero vislumbrou? Já foi mencionada a América, recém-descoberta pelos europeus. Mas Lutero foi suficientemente realista para perceber que o Novo Mundo era inatingível para os luteranos. Ele viu dois outros campos missionários que estavam ao alcance dos luteranos da Alemanha.

3.1 – Primeiro, os turcos. Eles eram muçulmanos. Vieram do interior da Ásia e se expandiram para o oeste. Ao conquistarem a cidade de Constantinopla, em 1453, acabaram com o Império Romano Oriental. Avançaram para os Bálcãs, no sudeste da Europa. Ameaçaram o resto da Europa. Em 1529, quando Lu-

tero tinha 46 anos de idade, chegaram a sitiá-la, a atual capital da Áustria. Foram rechaçados, mas representavam uma ameaça constante.

Para os europeus, os turcos não eram apenas inimigos militares e políticos. Eram considerados também inimigos da fé cristã. Antes da época da Reforma, os europeus entenderam que os turcos deveriam ser atacados em campanhas militares, chamadas de cruzadas, uma espécie de guerras santas. Também neste ponto Lutero foi um reformador. Rompeu com a idéia de guerra santa contra os turcos. Admitiu que os europeus se defendessem militarmente contra a agressão dos turcos³². Mas esses, em vez de serem combatidos e ven-

³¹ Cit. ap. Jan De Bie, este cit. ap. Eduardo HOORNAERT, *Formação do catolicismo brasileiro 1550 - 1800*, p. 35.

³² V. seus escritos “Da guerra contra os turcos” e “Exortação à oração contra os turcos”, in: *Obras Seleccionadas*, v. 6, p. 410-45; 446-65.

cidos militarmente, deveriam ser convencidos espiritualmente; deveriam ser evangelizados. Para Lutero, “uma maneira cristã de combater os turcos e aumentar e proteger a cristandade” era “pregar[-lhes] o Evangelho”³³.

3.2 – O outro campo missionário ao alcance da Reforma luterana na Alemanha eram os judeus que viviam entre os cristãos. No início da Reforma, Lutero viu os judeus com certa simpatia. Em 1523, publicou um escrito cujo título poderia ser traduzido por “Jesus Cristo, um judeu nato” (ou: “Jesus Cristo nasceu judeu”)³⁴.

Entendeu que o judaísmo e o cristianismo têm uma raiz comum. Escreveu: “(...) os judeus são consangüíneos de Cristo, nós [cristãos] somos [apenas] cunhados e estranhos, eles são amigos consangüíneos, primos e irmãos do nosso Senhor”³⁵. Lutero esperava a conversão dos judeus ao cristianismo através da missão. Mas sua esperança não se cumpriu. Ele temia a contramissão dos judeus. Então publicou escritos muito violentos contra os judeus, escritos cheios de críticas, agressões, difamações e propostas de medidas duras, inclusive a expulsão. Para ele, os judeus deixaram de ser campo missionário³⁶.

4 – A prática missionária

Na época da Reforma, houve pouca ação missionária concreta dos luteranos. Encontramos apenas um empreendimento missionário luterano. Alguns pastores da Igreja Luterana da Suécia, apoiados pelos reis,

começaram a evangelizar os lapões, nômades do norte da Escandinávia, com a colaboração de alguns lapões já cristianizados. Um dos reis³⁷ mandou construir igrejas naquela região. Mas faltou continuidade e houve di-

³³ *Bulla coenae domini* [A bula da ceia do Senhor], WA 8, p. 708, 30-32; cf. Walter ALTMANN, op. cit., p. 229-40; Marc LIENHARD, *Martim Lutero*, p. 211-15; Martin BRECHT, *Martin Luther* [Martim Lutero], v. 2, p. 350-5; v. 3, p. 346-51.

³⁴ Dass Jesus Christus ein geborner Jude sei (WA 11, p. 314-36).

³⁵ WA 11, p. 315, 26s.

³⁶ Arnulf H. BAUMANN et al. (Eds.), *Luthers Erbe und die Juden* [A herança de Lutero e os judeus], p. 13-6; Walter ALTMANN, op. cit., p. 259-70; Marc LIENHARD, op. cit., p. 226-38; Martin BRECHT, op. cit., v. 2, p. 116-7; v. 3, p. 328-45; Werner ELERT, op. cit., v. 1, p. 345; Helmar JUNGHANS, *Lutero e os judeus*.

³⁷ Carlos IX, nasc. em 1550, rei de 1600/1604 - 1611.

ficuldades de comunicação. Os resultados dessa missão foram muito modestos³⁸.

Uma tentativa missionária luterana foi feita no sudeste da Europa. Um grupo de luteranos de Württemberg, no sudoeste da Alemanha, apoiou a Reforma no norte dos Bálcãs através de Bíblias e literatura evangélica traduzidas para línguas eslavas, faladas pelas populações nativas. Neste contexto pensou-se também na missão entre os turcos, vizinhos daquelas regiões. Chamou-se a atenção das autoridades da Alemanha para aquela chance missionária. No entanto, não se chegou a traduzir a Bíblia e literatura evangélica para a língua turca. A missão não aconteceu³⁹.

Por que essa falta de ação missionária na Reforma luterana e no luteranismo do século 16? As causas são várias.

1 – A Reforma visou a renovação da Igreja da época. Foi um movimento dentro da Igreja. Estava confrontada com a resistência decidida das duas autoridades mais altas de seu tempo: o papa e o imperador da Alemanha. Ambos tentaram suprimir a Reforma. O papa a condenou como heresia, doutrina falsa. O

imperador prometeu empenhar todo o seu poder para preservar ou restabelecer a unidade da fé e da Igreja. Primeiramente proibiu a Reforma. Depois tentou levar os dois lados a um acordo. Depois estimulou discussões e negociações entre as partes. Finalmente atacou e venceu os protestantes militarmente. A situação estabilizou-se apenas a partir de 1555 com a paz religiosa de Augsburg.

A Reforma, portanto, não conseguiu alcançar toda a Igreja. Viu-se obrigada a lutar por sua sobrevivência e a se organizar como Igreja Luterana ou Reformada (Calvinista) nos territórios da Alemanha. Não lhe sobraram forças para enviar missionários para países distantes.

2 – A Alemanha não tinha unidade política. Estava dividida em muitos territórios. A esmagadora maioria deles não tinha acesso ao mar, assim como Portugal, Espanha, França, Inglaterra e Holanda o tinham ao Oceano Atlântico. Não participou da grande expansão ultramarina da Europa dos séculos 15 e 16. Não conquistou colônias no além-mar. Como os luteranos de Wittenberg, a cidade de Lutero, ou de outras regiões da Alemanha poderiam ter construído navios tecnicamente capazes de cru-

³⁸ Hans-Werner GENSICHEN, *Missionsgeschichte der neueren Zeit* [História da missão na Idade Moderna], p. 7; Werner ELERT, *op. cit.*, p. 347.

³⁹ Hans-Werner GENSICHEN, *op. cit.*, p. 6s.; Werner ELERT, *op. cit.*, p. 344-5.

zar os mares? Como poderiam ter preparado e pago expedições semelhantes às de Cristóvão Colombo, Vasco da Gama ou Pedro Álvares Cabral? A Reforma luterana não entrou em contato direto com povos em outros continentes. Não se lhe ofereceu a oportunidade concreta de missão entre povos não-cristãos⁴⁰. Naquela época, a missão cristã, sobretudo a católica romana, aconteceu dentro do contexto da expansão ultramarina colonial e comercial da Europa. Dela a Reforma luterana não participou.

3 – O próprio Lutero transferiu a responsabilidade pela organização e direção das igrejas luteranas às autoridades civis, aos governantes. Essas igrejas estavam atreladas ao Estado. Isso significava, na Alemanha daquela época, ao respectivo território e seus governantes. Esses não estavam interessados na missão fora de seus domínios. A ligação com o Estado foi mais um dos fatores externos que contribuíram para impedir iniciativas missionárias próprias das igrejas luteranas⁴¹.

A situação não mudou muito no século 17. Antes ao contrário, devido a fatores externos e internos. As forças católicas romanas atacaram

os protestantes e tentaram acabar de vez com o protestantismo através de uma enorme ação militar. De 1618 a 1648, a horrível Guerra dos Trinta Anos devastou grandes regiões da Alemanha. Foram anos de desgraça, angústia, miséria e morte para a população. Estima-se que a população foi dizimada em 40% nas áreas rurais e em 33% nas cidades. Quem poderia ter pensado em missão entre não-cristãos sob tais circunstâncias? Não morrer pelas mãos dos mercenários ou pela fome era a principal preocupação das pessoas.

Na teologia, durante grande parte do século 17, teólogos-professores e pastores luteranos concentraram suas forças na doutrina. Seu interesse principal era preservar a pureza da doutrina do Evangelho e combater ferozmente doutrinas divergentes, sobretudo a católica romana e a reformada (calvinista). Era a época confessional ou época da ortodoxia, o contrário de uma atitude missionária e ecumênica. Poucos teólogos mantinham viva a consciência missionária da Igreja. O luteranismo acomodou-se em sua respectiva Igreja territorial. Para justificar a ausência de ação missionária voltou a antigos argumentos. Dizia que o mandamen-

⁴⁰ Hermann DÖRRIES, op. cit., p. 61; Wilhelm MAURER, op. cit., p. 27-8.

⁴¹ Werner ELERT, op. cit., v. 1, p. 348-50; Wilhelm MAURER, op. cit., p. 26-7, 31.

to missionário de Cristo, de Mt 28.18-20, já teria sido cumprido; por isso a missão não seria mais necessária. A Faculdade de Teologia de Wittenberg, onde Lutero havia lecionado, considerada a primeira das Faculdades de Teologia luteranas, negou, num parecer de 1652, que a Igreja tivesse uma tarefa missionária. Ainda em 1708 qualificou missionários evangélicos como “falsos profetas”⁴².

Não é de estranhar que houvesse resistências fortíssimas contra atividades missionárias práticas⁴³. Encontramos tais iniciativas – modestíssimas – apenas por parte de luteranos suecos. Continuou a missão entre os lapões no norte da Escandiná-

via, agora utilizando-se da língua deles. – Por pouco tempo, a Suécia teve uma colônia na América do Norte, a Nova Suécia. Lá, pastores luteranos evangelizaram entre os indígenas. Um deles até traduziu o Catecismo Menor de Lutero para uma das línguas indígenas⁴⁴.

A Dinamarca tinha, desde 1620, uma colônia em Tranquebar, no sul da Índia. Explorou-a através da Companhia das Índias Orientais. Mandou pastores para lá. Mas estes não chegaram a evangelizar nativos. Batizaram apenas alguns escravos⁴⁵.

Uma mudança nesse quadro aconteceu apenas a partir do final do século 17 e do início do século 18 através do movimento do pietismo.

Bibliografia

- ALTMANN, Walter. Lutero, afinal, o que quis? *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 21, p. 9-27, 1981. Número especial, org. por Martin N. DREHER; versão revista em: *Lutero e libertação: releitura de Lutero em perspectiva latino-americana*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Ática, 1994. p. 273-93. (Religião e Cidadania).
- AUGUSTINY, Waldemar. *Gehet hin in alle Welt: zwei Jahrtausende christliche Mission* [Vão para todas as partes do mundo: dois milênios de missão cristã]. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus Gerd Mohn, 1962.
- BARTH, Karl. Die Lehre von der Versöhnung [A doutrina da reconciliação]. In: *Die Kirchliche Dogmatik* [A dogmática eclesiástica]. Zollikon-Zürich: Evang. Verlag, 1959. v. IV/3, 2ª parte.

⁴² Waldemar AUGUSTINY, *Gehet hin in alle Welt* [Vão para todas as partes do mundo], p. 148.

⁴³ Hans-Werner GENSICHEN, op. cit., p. 12.

⁴⁴ 1648, impresso em 1696.

⁴⁵ Hans-Werner GENSICHEN, op. cit., p. 11.

- BAUMANN, Arnulf H.; MAHN, Käte; SAEBCE, Magne (Eds.), *Luthers Erbe und die Juden: das Verhältnis lutherischer Kirchen Europas zu den Juden* [A herança de Lutero e os judeus; a atitude de Igrejas Luteranas da Europa em relação aos judeus]. Hannover: Lutherisches Verlagshaus, 1984.
- BOFF, Leonardo. *Nova evangelização: perspectiva dos oprimidos*. Fortaleza: Vozes, 1990.
- _____. *América Latina: da conquista à nova evangelização*. 3.ed. São Paulo: Ática, 1992.
- BRECHT, Martin. *Martin Luther* [Martim Lutero]. Stuttgart: Calwer Verlag, 1986; 1987. v. 2, p. 116-7; 350-5; v. 3, p. 328-51.
- DÖRRIES, Hermann. Luther und die Heidenpredigt [Lutero e a pregação a pagãos]. In: WIEBE, Franz (Ed.). *Mission und Theologie* [Missão e teologia]. Göttingen: Heinz Reise, 1953. p. 61-77.
- ELERT, Werner. *Morphologie des Luthertums: Theologie und Weltanschauung des Luthertums hauptsächlich im 16. und 17. Jahrhundert* [Morfologia do luteranismo: teologia e cosmovisão do luteranismo principalmente nos séculos 16 e 17]. München: C. H. Beck, 1931. v. 1, p. 336-51.
- FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO (Ed.). *História da evangelização na América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1988. (Teologia em diálogo – estudos).
- FISCHER, Joachim. O conceito “Igreja” de Lutero segundo seus escritos “Dos concílios e da Igreja” e “Contra Hans Worst”. Trad. [do alemão] de Werner Dietz e Rubens Horst. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 6, p. 161-75, 1966.
- _____. *Conquistadores, missionários, novos cristãos: missão e expansão do cristianismo do Velho Mundo no início da Idade Moderna*. São Leopoldo: Faculdade de Teologia da IECLB, Comissão de Publicações, 1984. (História, 3) Mimeogr.
- _____. Marcas teológicas da Reforma protestante. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 28, n. 2, p. 121-35, 1988.
- GALILEA, Segundo. *Evangelização na América Latina*. Trad. de Yolanda Amado Ladeira. Petrópolis: Vozes, 1976.
- GENSICHEN, Hans-Werner. Missionsgeschichte der neueren Zeit [História da missão na Idade Moderna]. In: SCHMIDT, Kurt Dietrich; WOLF, Ernst (Eds.). *Die Kirche in ihrer Geschichte: ein Handbuch* [A Igreja em sua história: um manual]. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1961. v. 4, fasc. T.
- HÄGGLUND, Bengt. *História da Teologia*. Trad. de Mário L. e Gládis K. Rehfeldt. Porto Alegre: Concórdia, 1981.
- HOLL, Karl. Luther und die Mission [Lutero e a missão] [1924]. In: *Gesammelte Aufsätze zur Kirchengeschichte* [Coletânea de estudos sobre a História Eclesiástica]. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1965. v. 3 [Der Westen (O ocidente)], p. 234-43.

- HOORNAERT, Eduardo. *Formação do catolicismo brasileiro 1550 - 1800*: ensaio de interpretação a partir dos oprimidos. Petrópolis: Vozes, 1974. (Publicações CID - História da Igreja, 1).
- JUNGHANS, Helmar. Lutero e os judeus. In: *Temas da teologia de Lutero*. Trad. de Ilson Kayser. Rev. de Luís M. Sander. São Leopoldo: Sinodal, 2001. p. 97-120.
- LIENHARD, Marc. *Martim Lutero*: tempo, vida, mensagem. Trad. de Walter Altmann e Roberto Hofmeister Pich. São Leopoldo: Sinodal, Escola Superior de Teologia da IECLB/Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, 1998. p. 211-15; 226-38.
- LUTERO, Martinho. Como instituir ministros na Igreja [1523]. Trad. de Ilson Kayser e Egbertus Ossewaarde. In: *Vida em comunidade: Comunidade – ministério – culto – sacramentos – visitasões – catecismos – hinos*. São Leopoldo: Comissão Interluterana de Literatura, Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000. p. 81-113. (Obras Seleccionadas, 7).
- _____. Direito e autoridade de uma assembléia ou comunidade cristã de julgar toda doutrina, chamar, nomear e demitir pregadores – fundamento e razão da Escritura [1523]. Trad. de Walter O. Schlupp. In: *Vida em comunidade: Comunidade – ministério – culto – sacramentos – visitasões – catecismos – hinos*. São Leopoldo: Comissão Interluterana de Literatura, Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000. p. 28-36. (Obras Seleccionadas, 7).
- _____. Missa alemã e ordem do culto [1526]. Trad. de Walter O. Schlupp, rev. de Ilson Kayser. In: *Vida em comunidade: Comunidade – ministério – culto – sacramentos – visitasões – catecismos – hinos*. São Leopoldo: Comissão Interluterana de Literatura, Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000. p. 177-205. (Obras Seleccionadas, 7).
- _____. Da ceia de Cristo – Confissão [1528]. In: *Debates e controvérsias, II*. São Leopoldo: Comissão Interluterana de Literatura, Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1993. p. 223-375. (Obras Seleccionadas, 4).
- _____. Da guerra contra os turcos [1529]. Trad. de Ricardo W. Rieth. In: *Ética: Fundamentação da ética política – governo – Guerra dos Camponeses – guerra contra os turcos – paz social*. São Leopoldo: Comissão Interluterana de Literatura, Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1996. p. 410-45. (Obras Seleccionadas, 6).
- _____. Artigos de doutrina cristã [Artigos de Esmalcalde] [1537]. In: COMISSÃO INTERLUTERANA DE LITERATURA (Ed.), *Livro de Concórdia*: as confissões da Igreja Evangélica Luterana. Trad. de Arnaldo Schüler. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1980. p. 305-41.
- _____. Dos concílios e da Igreja [1539]. Trad. de Ilson Kayser. In: *Debates e controvérsias, I*. São Leopoldo: Comissão Interluterana de Literatura, Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1992. p. 300-432. (Obras Seleccionadas, 3).
- _____. Exortação à oração contra os turcos [1541]. Trad. de Ricardo W. Rieth. In: *Ética: Fundamentação da ética política – governo – Guerra dos Camponeses –*

- guerra contra os turcos – paz social*. São Leopoldo: Comissão Interluterana de Literatura, Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1996. p. 446-65. (Obras Seleccionadas, 6).
- LUTHER, Martin. Die Epistel zu der Messe in der Christnacht [A epístola para a missa na véspera de Natal]. Ti 2.11-15. In: Kirchenpostille [Sermãoário eclesiástico] [1522]. In: *Werke: kritische Gesamtausgabe* [Obras: edição crítica completa]. Weimar: Hermann Böhlhaus Nachfolger, 1910. v. 10/1/1, p. 18-58.
- _____. Sermon am Auffahrttage [Sermão no dia de Ascensão] [29/05/1522]. Mk 16.14ss. In: *Werke: kritische Gesamtausgabe* [Obras: edição crítica completa]. Weimar: Hermann Böhlhaus Nachfolger, 1905. v. 10/3, p. 133-47.
- _____. Bulla coenae domini, das ist, die Bulla vom Abendfressen des allerheiligsten Herrn, des Papstes, verdeutscht durch Martin Luther [A bula da ceia do Senhor, ou seja, a bula da glotonaria noturna do santíssimo senhor, o papa, traduzida para o alemão por Martim Lutero] [1522]. In: *Werke: kritische Gesamtausgabe* [Obras: edição crítica completa]. Weimar: Hermann Böhlhaus, 1889. v. 8, p. 691-720.
- _____. Sermon am Himmelfahrtstage [Sermão no dia de Ascensão] [14/05/1523]. In: *Werke: kritische Gesamtausgabe* [Obras: edição crítica completa]. Weimar: Hermann Böhlhaus, 1891. v. 12, p. 555-65.
- _____. Dass Jesus Christus ein geborner Jude sei [Jesus Cristo, um judeu nato] [1523]. In: *Werke: kritische Gesamtausgabe* [Obras: edição crítica completa]. Weimar: Hermann Böhlhaus Nachfolger, 1900. v. 11, p. 314-36.
- _____. Predigten über das 2. Buch Mose [Sermões sobre Êxodo] [1524 - 1527]. In: *Werke: kritische Gesamtausgabe* [Obras: edição crítica completa]. Weimar: Hermann Böhlhaus Nachfolger, 1899. v. 16.
- _____. Eine Heerpredigt wider den Türken [Um sermão de campanha contra o turco] [1529]. In: *Werke: kritische Gesamtausgabe* [Obras: edição crítica completa]. Weimar: Hermann Böhlhaus Nachfolger, 1909. v. 30/2, p. 160-97.
- _____. Der 117. Psalm ausgelegt [Explicação do Salmo 117] [1530]. In: *Werke: kritische Gesamtausgabe* [Obras: edição crítica completa]. Weimar: Hermann Böhlhaus Nachfolger, 1913. v. 31/1, p. 223-57.
- _____. Matth. 18 - 24 in Predigten ausgelegt [Mt 18 - 24 explicado em prédicas] [1537 - 1540]. In: *Werke: kritische Gesamtausgabe* [Obras: edição crítica completa]. Weimar: Hermann Böhlhaus Nachfolger, 1912. v. 47, p. 232-627.
- _____. *Werke: kritische Gesamtausgabe: Briefwechsel* [Obras: edição crítica completa: cartas]. Weimar: Hermann Böhlhaus Nachfolger, 1935. v. 6.
- MAU, Rudolf. Luthers Stellung zu den Türken [A posição de Lutero frente aos turcos]. In: JUNGHANS, Helmar (Ed.). *Leben und Werk Martin Luthers von 1526 bis 1546*: Festgabe zu seinem 500. Geburtstag [Vida e obra de Martim Lutero de 1526 até 1546: homenagem por ocasião de seu 500º aniversário]. Berlin: Evangelische Verlagsanstalt, 1983. v. 1, p. 647-62.

MAURER, Wilhelm. Die Lutherische Kirche und ihre Mission [A Igreja Luterana e sua missão]. *Lutherisches Missionsjahrbuch für die Jahre 1953 und 1954*, Neudettelsau: Freimund, s.d., p. 22-50.

OBERMAN, Heiko A. Luthers Beziehungen zu den Juden: Ahnen und Geahndete [As relações de Lutero com os judeus: Antepassados e castigados]. In: JUNGHANS, Helmar (Ed.). *Leben und Werk Martin Luthers von 1526 bis 1546: Festgabe zu seinem 500. Geburtstag* [Vida e obra de Martin Lutero de 1526 até 1546: homenagem por ocasião de seu 500º aniversário]. Berlin: Evangelische Verlagsanstalt, 1983. v. 1, p. 519-30.